

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA IRENE MIRANDA BERNARDES

**MEMORIAL ACADÊMICO:**  
Trajetórias, histórias e aprendizagens

UBERLÂNDIA  
2021

MARIA IRENE MIRANDA BERNARDES

**MEMORIAL ACADÊMICO**  
Trajetórias, histórias e aprendizagens

Memorial apresentado à Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como parte dos requisitos indispensáveis para a Promoção da Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme art.3º da Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013 e a Resolução 04/2014 de 11 de abril de 2014 do CONDIR/UFU.

UBERLÂNDIA  
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MEMORIAL ACADÊMICO:**  
Trajetórias, histórias e aprendizagens

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO**

---

Profª. Dra. Myrtes Dias da Cunha – UFU – Membro Titular Interno

---

Profª. Dra. Neide de Aquino Noffs – PUC/SP – Membro Titular Externo

---

Profª. Dra. Claudia Leme Ferreira Davis – PUC/SP – Membro Titular Externo

---

Profª. Dra. Selva Guimarães Fonseca – UNIUBE – Membro Titular Externo

---

Prof. Dr. Robson Luiz de França – UFU – Membro Suplente Interno

---

Profª. Dra. Dalva Eterna Gonçalves Rosa – UFG – Membro Suplente Externo

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela possibilidade de viver, aprender e ensinar.

A minha mãe, Marne Antônia Miranda, que me iniciou no mundo e foi minha primeira referência de amor, de mulher, de ensino e de aprendizagem.

Aos meus filhos, David e Mayra, do mundo aprendentes, em minha vida ensinantes. Amo vocês de uma forma que ainda não aprendi a dizer, apenas sentir.

Ao meu neto, Eduardo Henrique, para quem amar é gostar de algo ou alguém e expressar o sentimento e a autoestima; então expressei em palavras que gosto de você do tanto do infinito.

Ao meu neto, Marco Lorenzo, para quem amar é gostar de uma pessoa; então saiba que para mim essa pessoa é você.

Ao meu companheiro Leonardo da Silva Sobral, pela paciência, compreensão e cumplicidade.

As minhas irmãs: Cláudia, Kerlly e Mariela; por compartilharmos uma história de vida, mesmo que fisicamente distantes.

A Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, onde por uma década aprendi a ser professora, pedagoga, psicopedagoga e gestora.

A Universidade Federal de Uberlândia, por se constituir em espaço de formação inicial e continuada, em lócus de atuação profissional e realização pessoal.

A Faculdade de Educação; professores, professoras, técnicos pela convivência, amizade e aprendizagens de mais de duas décadas.

A Comissão Especial de Avaliação do memorial, por compartilhar comigo este momento especial.

Aos meus alunos, alunas, orientandas, pela convivência, descobertas e vínculos afetivos construídos na trajetória do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão.

Ao GEPPE, espaço de estudos, sonhos e realizações psicopedagógicas.

Aos meus amigos e amigas, pelo afeto dos diálogos produtivos e improdutivos.

Sabemos que o permanente não o é porque as visões sucessivas tornadas possíveis pelo conhecimento desmancham a nossa construção das coisas, até mesmo daquelas que consideramos eternas. E sabemos que o hoje não o abarcamos todo, mas é nossa tarefa, entretanto, a busca do seu entendimento.

Milton Santos (1997)

## **RESUMO**

Em atendimento aos requisitos para a promoção da Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, este trabalho consiste do relato de minhas memórias correspondentes a trajetória acadêmico-profissional, analisando as experiências dos anos de formação e atuação. Para tanto foi abordada de forma reflexiva a minha história de vida, desde o início de minha formação acadêmica até os dias atuais, contemplando a prática docente, assim como a inserção na pesquisa, na extensão e na gestão; atividades articuladas ao longo de meu percurso. O texto está organizado cronologicamente, apresentando minhas narrativas nem sempre fiéis às normas de trabalho acadêmico, mas reveladoras de meu modo de ser e estar em tempos e espaços distintos. A produção deste memorial foi um movimento articulador de afetos, cognição, emoções; processos complexos e difíceis de relatar, mas que uma vez iniciados, despertam o desejo de continuar. Sendo assim, o presente trabalho representa uma parte de minhas vivências, está em aberto, pois me constituo na medida em que a vida pulsa.

Palavras-chave: Vida, aprendizagem, gratidão.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABPp - Associação Brasileira de Psicopedagogia  
AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais  
DEPOP – Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica  
EAD – Educação à Distância  
EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil  
FACED – Faculdade de Educação  
FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais  
GEPPE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Psicopedagogia Escolar  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IC – Iniciação Científica  
IES – Instituição de Ensino Superior  
LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação  
PEA – Programa Ensino Alternativo  
PEIC – Programa de Extensão, Integração, UFU/Comunidade)  
PIAPSI – Programa Institucional de Acompanhamento Psicopedagógico  
PIBEG – Programa Institucional de bolsa de ensino na graduação  
PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica  
PPC – Projeto Pedagógico de Curso  
PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação  
PROCAP – Programa de Capacitação  
PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
RME – Rede Municipal de Ensino  
SEDA – Serviço Especializado em Desenvolvimento e Aprendizagem  
SEE/MG – Secretaria de Educação de Minas Gerais  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

Introdução .....	9
Processo Formativo-acadêmico: Educação Básica .....	9
Processo Formativo-acadêmico: Educação Superior .....	10
Experiências Profissionais na Educação Básica .....	16
Experiências Profissionais na Educação Superior: Ensino .....	18
Experiências Profissionais na Educação Superior: Pesquisa .....	28
Experiências Profissionais na Educação Superior: Extensão.....	31
Experiências Profissionais na Educação Superior: Gestão.....	39
Considerações Finais.....	48
Referências.....	51
Anexos.....	52



## Introdução

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para sabermos o que seremos.

Paulo Freire (1979)

O termo memorial nos remete a memórias, lembranças de pessoas, fatos e acontecimentos marcantes. Mais do que revisitar nossos arquivos mnemônicos, a desafiante tarefa de produzir um memorial nos possibilita retomar, reviver e refletir sobre nossa constituição identitária.

Como anuncia Paulo Freire (1979) na epígrafe acima, temos de saber o que fomos e o que somos para sabermos o que seremos. Sendo assim, pretendo relatar o que me tornei a partir das condições objetivas e subjetivas que a vida me ofereceu; e com a pretensão de quem ousa compreender o presente, sonhar com o futuro, ponto de chegada.

Para tanto inicio minhas reflexões abordando meu processo formativo-acadêmico, seguido de minhas experiências profissionais no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão.

### Processo Formativo-acadêmico: Educação Básica

Meus primeiros anos de escolarização foram em Ribeirão Preto (SP), minha cidade natal, no Grupo Escolar “Dr. Guimarães Júnior”. Era um grande prédio estilo barroco, localizado no centro e conhecido como “Primeiro Grupo”, por ser a escola mais antiga da cidade, fundada em 1895.

Em 12 de dezembro de 1973 recebi meu primeiro certificado, referente a Educação Infantil, das mãos da primeira professora, Dona Nilce. Sempre gostei muito de estudar e não apresentava problemas na escola.



Em 1975, aos nove anos, mudamos para Uberlândia devido a separação dos meus pais e continuei minha formação na Escola Estadual Amador Naves, e posteriormente na Escola Estadual Bueno Brandão, onde concluí o primeiro grau. Porém no último ano (8ª série), em 1980, aos quatorze anos engravidei e finalizei o ano letivo gestante de três meses. Como não era comum uma adolescente grávida em sala de aula, escondi a gravidez e ninguém da escola ficou sabendo, com exceção da professora de matemática, que a pedido de minha mãe me liberou da recuperação; segundo ela para me proteger do constrangimento de olhares e comentários desnecessários e indesejáveis.

Em 1981, devido a complicações da gravidez, não consegui estudar, mas para surpresa de muitos que afirmavam que eu não retornaria, em 1982 voltei para escola: mãe do David, casada e já separada. Cursei parte do segundo grau na Escola Estadual Messias Pedreiro e finalizei em São Paulo, onde fui morar acompanhando minha mãe que se casou novamente.

Ao concluir o segundo grau voltei para Uberlândia com meu filho, pretendia fazer faculdade e não queria continuar morando em São Paulo. Fui morar com minha avó materna; trabalhava durante o dia e fazia cursinho a noite, pois almejava entrar na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Tinha a intenção de cursar Educação Física por ser apaixonada em esportes, competições, pensava que isto seria suficiente para fazer o curso. Por um problema de saúde não consegui fazer os testes de aptidão física exigidos na época para ingresso no curso, e para não perder a oportunidade de prestar o vestibular, fiz para Pedagogia, com a intenção de cursar somente o primeiro período e fazer novo vestibular, convalidando algumas disciplinas que eram comuns.

Fiquei imensamente feliz ao ver o meu nome na lista de aprovados da UFU e comecei o Curso de Pedagogia no ano de 1986, onde ainda estou. Trinta e cinco anos se passaram e eu não prestei o vestibular para Educação Física.

### **Processo Formativo-acadêmico: Educação Superior**

Segundo Machado de Assis (1884), o acaso é um Deus e um diabo ao mesmo tempo. Se o acaso que me guiou ao Curso de Pedagogia, não foi o acaso que me fez

permanecer. Identifiquei-me fortemente com o curso, por meio do qual ressignifiquei meus conhecimentos e concepções sobre escola, aluno, professor, educação. Fiquei encantada com os textos e aulas dos professores que me incitavam a novas perspectivas e embasavam uma leitura mais crítica da realidade. Era uma boa aluna, assídua, participativa e cumpridora de todas as atividades solicitadas, obtinha boas notas e nunca fui reprovada. Foram quatro anos que passaram muito rápido, porém deixaram saudades, até mesmo da minha bicicleta (Caloi 10), meu primeiro meio de transporte para faculdade.

Em minha época de graduação não havia a facilidade de participação em atividades extracurriculares como ocorre atualmente e nem de acesso a materiais, pois predominava o acervo físico. Eu gostava muito de frequentar a biblioteca, era um espaço propício ao estudo pelo silêncio e pela possibilidade de manusear e ler alguns livros que não podia comprar.

No segundo ano do curso, em 1987, nasceu minha filha Mayra, o que preencheu ainda mais a minha vida e não me impediu de continuar estudando. Concomitante ao Curso de Pedagogia cursei o Magistério, uma vez que a maioria dos alunos havia feito o Magistério para atuar na Pré-Escola e nas séries iniciais do ensino fundamental (nomenclaturas utilizadas na época) e eu havia feito o colegial. Busquei um Curso da Delegacia de Ensino, atualmente Superintendência Regional de Ensino, chamado Logos II, o qual consistia de um Programa Emergencial de Formação de Professores à Distância, em nível de segundo grau.

A conclusão do Curso de Magistério possibilitou-me trabalhar em escolas, então atuei na educação infantil em escolas privadas e posteriormente em escolas municipais, aonde cheguei por processo seletivo temporário. Trabalhar em escolas ao mesmo tempo em que cursava Pedagogia foi enriquecedor tanto para formação quanto para atuação.

No decorrer do Curso de Pedagogia meu interesse tornou-se mais específico nas áreas de Alfabetização e Psicologia da Educação. Apaixonei-me por Jean Piaget, grande teórico da Psicologia do Desenvolvimento, sua epistemologia genética era minha leitura favorita. As aulas de Psicologia eram as minhas preferidas, fazia questão de sentar a frente e dialogar com os professores. Quem me apresentou a teoria piagetiana foi o professor Antônio Wilson Pagotti, fiquei maravilhada quando soube que ele era doutor em psicologia e pensava: “Esse homem é um gênio, ele é doutor em Psicologia, ele sabe

tudo de Piaget”. Outra figura marcante em meu processo formativo foi a professora Regina Célia de Santis Feltran, uma mulher admirável que sabe como poucos conciliar conhecimento e simplicidade. Tive a felicidade ser sua orientanda no Estágio Supervisionado, no TCC do Curso de especialização e no mestrado. E foi com esse entusiasmo que concluí o Curso de Pedagogia no ano de 1990.

Após minha formatura fui aprovada no Concurso Público para professora efetiva na Rede Municipal de Ensino (RME) de Uberlândia, aonde já atuava como contratada, e permaneci durante dez anos antes de ingressar como docente na UFU. Neste período participei de vários estudos e encontros de formação continuada oferecidos pela RME, dentre eles destaco uma palestra com Paulo Freire, um momento ímpar. Fiquei bem próxima e lembro-me que durante sua fala, de forma simpática e bem humorada, reclamou das luzes das câmeras que registravam sua encantadora presença.

No decorrer dos estudos realizei leituras de livros que foram fundamentais a minha formação e a minha prática: “O Método Natural I”, “O Método Natural II”, “O Método Natural III” (1994), de Célestin Freinet; “A Paixão de Conhecer o Mundo” (1987), de Madalena Freire; “A Psicogênese da Língua Escrita” (1999), de Ana Teberosky e Emília Ferreiro.

O gosto pelo estudo levou-me a buscar uma pós-graduação, então ingressei no I Curso de Especialização em Psicopedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (1991-1992). Por ser a primeira turma, a professora Nádia Aparecida Bossa, referência nacional pela vasta experiência na psicopedagogia, veio de São Paulo para iniciar o curso e ministrar algumas disciplinas.

O Curso veio ao encontro de minhas expectativas, pois ao abordar o seu objeto de estudo, o processo de aprendizagem, propicia o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento em um movimento transversal.

Esse movimento de articulação e transversalidade dos diferentes saberes faz da psicopedagogia um campo de natureza inter e transdisciplinar. É interdisciplinar por estar respaldada em diferentes áreas do conhecimento, articulando-as e promovendo o diálogo entre essas e a realidade. É também transdisciplinar por buscar, a partir das áreas de origem, se constituir com corpo teórico próprio para explicar o seu objeto, qual seja, os processos de aprendizagem e desenvolvimento e seus possíveis desvios. Ao procurar abordar algo tão complexo favorece o surgimento de algo novo, uma vez que nenhuma das áreas que

fundamentam a psicopedagogia responde sozinha a demanda de seu objeto. (MIRANDA, 2016, p. 24).

Todas as disciplinas do curso foram de fundamental importância para compreensão do sujeito epistêmico em sua complexidade de aprendiz. Novamente o paradigma interacionista embasou meus estudos e reflexões, possibilitando-me revisitar a obra de Piaget e Vygotsky, assim como de outros autores, tendo o processo de aprendizagem como eixo articulador.

Considero que as nossas concepções são construções continuadas e ressignificadas durante toda a vida, com trabalho e reflexões. Foi assim que o Curso de Psicopedagogia transformou o meu entendimento e capacidade de escutar e olhar, para além do ouvir e enxergar; em outras palavras, a audição tornou-se escuta e a visão tornou-se olhar, ou ainda, aprendi a escutar o que ouvia e a olhar o que enxergava.

Uma queixa recorrente na psicopedagogia refere-se às dificuldades no processo de aquisição da leitura e da escrita, o que me fez aprofundar os estudos na área da alfabetização e realizar o TCC neste enfoque, novamente sob a orientação e incentivo da profa. Regina Célia de Santis Feltran, que mais tarde seria minha orientadora de mestrado.

O TCC e a experiência na psicopedagogia embasaram a construção de um projeto de pesquisa para o mestrado, cuja temática foi “o processo de aprendizagem e seus desvios na perspectiva piagetiana: uma análise psicopedagógica”. A aprovação no processo seletivo foi motivo de muita alegria, fazer o mestrado não era algo fácil e parecia distante de minha realidade, pois precisava conciliar estudo e trabalho; tinha dois filhos, era separada e não contava com apoio financeiro de ninguém.

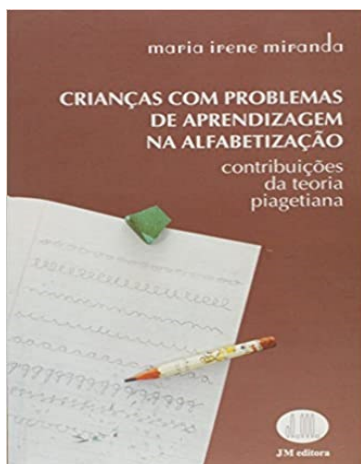
Minha iniciação à pesquisa ocorreu na Psicopedagogia, cuja ação é por natureza investigativa. No entanto, o Curso de mestrado (1995 – 1998) ampliou de forma significativa o meu entendimento sobre como fazer pesquisa. A problematização da temática de estudo – os processos de aprendizagem – se configurou na experiência psicopedagógica.

Na intenção de embasar meu estudo na epistemologia genética de Jean Piaget busquei por estudiosos da obra piagetiana: Zélia Ramozzi Chiarottino (USP/SP); Orly Mantovani de Assis (UNICAMP); Lauro de Oliveira Lima (Escola a Chave do Tamanho); Fernando Becker (UFRGS); Yves de La Taille (USP/SP); Lino de Macedo

(USP/SP). Tive a prazerosa oportunidade de ler, ouvir e dialogar pessoalmente com cada um, exceto Lauro de Oliveira Lima, que conheci somente pelas obras.

Na banca de qualificação e defesa contei com a ilustre participação da professora Amélia Americano Domingues de Castro (USP/SP e UNICAMP), uma senhora de fala mansa, sábia e articulada, que na década de 50 iniciou o primeiro grupo de estudos sobre a obra de Piaget no Brasil. Para a minha felicidade, a professora Amélia elogiou muito meu trabalho e o recomendou para publicação, o que resultou no lançamento do meu primeiro livro: “Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições da teoria piagetiana” Araraquara: JM Editora, 2000.

Com base na pesquisa o livro aborda os fatores dificultadores do processo de alfabetização, considerando a escola, os professores alfabetizadores, as famílias e os



alfabetizando, sujeitos aprendentes em processo de aquisição da leitura e da escrita. Ao ressaltar os aspectos dificultadores o estudo revelou possibilidades de intervenção junto aos aprendentes e ensinantes, as quais foram divulgadas, mas não vivenciadas, desencadeando, assim, o meu desejo de continuar a pesquisa, porém com outra abordagem.

Como afirma Paulo Freire (2001), é preciso denunciar, mas também anunciar. Sendo assim, os resultados da pesquisa de mestrado e as experiências na docência do ensino superior levaram-me ao doutorado com uma proposta de pesquisa de intervenção.

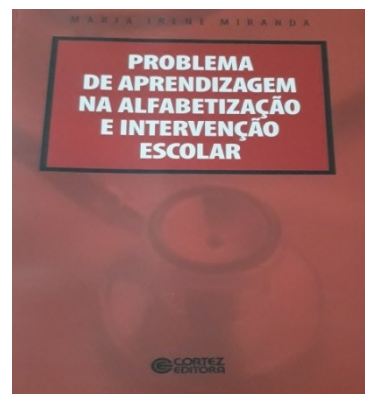
No período de 2001 a 2005, já como docente efetiva na UFU, cursei o doutorado no Programa de Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Sempre estudei em escolas públicas, essa foi minha primeira experiência em uma instituição privada, o que só foi possível porque fui bolsista Capes.

Minha pesquisa intitulada “Projeto de Intervenção Escolar para Alunos com Problemas de Aprendizagem na Alfabetização: construção, implementação e resultados”, foi orientada pela professora Claudia Leme Ferreira Davis, uma pessoa que aprendi a admirar pelo vasto conhecimento e pela sensibilidade nas relações humanas, dona de um sorriso lindo, sempre tinha uma palavra de incentivo, transmitindo-me a

segurança de estar no caminho correto. O trabalho com a pesquisa-ação foi uma experiência excepcional, mas também um desafio, em alguns momentos causava preocupação, pois nessa modalidade de pesquisa o pesquisador atua em parceria com os participantes que compõem o contexto em que o objeto de investigação está inserido. E para além de desvendar o objeto, faz-se necessário desenvolver e avaliar uma intervenção que responda a problemática levantada coletivamente no campo da pesquisa. Nessa perspectiva atuei por dois anos em uma escola da rede municipal de ensino de Uberlândia, que aceitou o desafio de desenvolver o projeto de pesquisa-ação junto a professores e alunos em processo de alfabetização e que apresentavam queixas de dificuldades de aprendizagem. Realizamos a avaliação diagnóstica e intervenção psicopedagógica, ao final todos os alunos participantes aprenderam a ler e escrever. Foi assim que realizei um dos trabalhos acadêmicos que mais me proporcionou prazer e alegria.

Os resultados da pesquisa vieram ao encontro do que a psicopedagogia ensinou-me: todos podem aprender de acordo com sua modalidade de aprendizagem, a qual diz respeito à forma pessoal com que cada sujeito acerca-se e relaciona-se ao objeto de conhecimento; trata-se do esquema de operar que vai sendo construído nas diferentes situações de aprendizagem, ou seja, a maneira pessoal de desvelar o objeto a conhecer. Por assim ser, a modalidade de aprendizagem se constitui desde o nascimento e acompanha a pessoa durante sua trajetória existencial; logo não há modalidades de aprendizagem equivocada ou patológica, há pessoas revelando a fascinante complexidade do aprender; porém, infelizmente, nem sempre são compreendidas e atendidas em suas demandas.

Nas bancas de qualificação e defesa tive a felicidade de contar com a participação da professora Marli Eliza Dalmazo de Afonso André, que nos deixou esse ano, mas será sempre lembrada e admirada pelo grande trabalho na docência e na pesquisa. Suas observações muito contribuíram com meu estudo, principalmente para intervenção junto aos professores. Ao final, ela ressaltou a importância de compartilhar a pesquisa com os alfabetizadores e não somente recomendou como fez o parecer e encaminhou minha tese para publicação; assim,



lançei o livro: “Problema de Aprendizagem na Alfabetização e Intervenção Escolar”, São Paulo: Editora Cortez, 2008.

Após a conclusão do doutorado a pesquisa teve continuidade no ano seguinte, quando retornei as aulas ministrando a disciplina de Estágio Supervisionado e levei as alunas do Curso de Pedagogia para escola campo da pesquisa. Esta foi também mais uma das experiências marcantes em minha trajetória acadêmica.

Finalizando as considerações sobre meu percurso formativo, ressalto a intenção desejante de fazer o pós-doutorado, o que ainda não foi possível por estar envolvida em outras atividades, principalmente de gestão, que dificultam a articulação e produção científica em outros contextos.

### **Experiências Profissionais na Educação Básica**

Em 1988 comecei a trabalhar na área educacional após concluir o Curso de Magistério de 2º Grau (Logos II), ainda cursando Pedagogia. Atuei na Educação Infantil, primeiramente em escolas privadas e posteriormente em escolas municipais, por meio de contratos temporários. Atuei também no magistério de 2º grau, na Escola Estadual José Ignácio de Souza e no Colégio Rio Branco (rede privada), ministrando a disciplina de alfabetização. O salário era baixo, mas me permitia pagar o aluguel de uma casa simples para morar e manter meu filho.

Conforme relatado, ao concluir o Curso de Pedagogia, fui aprovada em dois Concursos Públicos na Rede Municipal de Ensino (RME): primeiro para Professora Efetiva da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1990) e segundo para o Cargo de Orientadora Educacional (1992). Efetivar na prefeitura me permitiu comprar um terreno e começar a construir a minha casa, dentro das minhas possibilidades fiz do jeito que eu queria, ao longo de cinco anos.

Estar em sala de aula com as crianças, não apenas dialogando, mas vivenciando o olhar e a escuta, revelou-me a beleza do encontro entre o ser aprendente e o objeto de conhecimento. Uma das circunstâncias privilegiadas desse encontro está no momento da aprendizagem da leitura e da escrita, quando a criança tenta conciliar suas hipóteses às convenções culturais do objeto. Neste instante o aprendente, em seu olhar, em suas



perguntas, “erros” e acertos, requisita a presença do outro, o ensinante, aquele que já desvendou o objeto e pode libertá-la de suas dúvidas, restituindo-lhe a alegria da autoria e de sua conquista.

Trabalhei na RME durante dez anos (1988 – 1998). Estava atuando como professora na Educação Infantil quando assumi a direção de uma escola municipal, após ser aprovada em processo seletivo interno (1992), cargo que permaneci até 1995, quando fui convidada para atuar como psicopedagoga, no Programa Ensino Alternativo (PEA). Nessa época consegui vender a minha moto e comprar meu primeiro carro, um Escort vermelho com teto solar, usado, mas lindo, pois assim como minha casa, era fruto exclusivamente do meu trabalho.

Atendendo aos dispositivos legais, o PEA era composto por uma equipe interdisciplinar (psicopedagogos, psicomotricistas, professores e Intérpretes de LIBRAS, professores de Braille) que assessorava o trabalho nas escolas que ofereciam atendimento extraturno e extraclasse a alunos com deficiências e com dificuldades de aprendizagem. Como psicopedagoga eu era responsável por um determinado setor da cidade, visitava as escolas para acompanhar e orientar o trabalho dos professores e pedagogos do programa, que contava com uma sala específica na escola. A equipe era responsável também pelos cursos de formação continuada dos profissionais da instituição. Foi um período em que estudei muito para atender as diversas demandas em suas especificidades, o que me revelou as interfaces entre a psicopedagogia e a educação especial, tendo a aprendizagem como eixo articulador.

Em relação as dificuldades de aprendizagem, mais uma vez prevaleciam as queixas acerca da alfabetização. A maioria dos alunos atendidos, segundo as professoras das salas regulares, não conseguia aprender a ler e escrever. Na sala do PEA, após o processo de avaliação psicopedagógica, por meio da qual eram conhecidas as hipóteses dos alunos sobre o sistema de escrita, era feito um plano de intervenção específico a cada aluno atendido. Essa ação envolvia não apenas o aprendiz, mas também os ensinantes (professoras e famílias). De acordo com os pressupostos da psicopedagogia a intervenção não pode ocorrer somente com o aluno, pois é preciso considerá-lo no contexto em que se relaciona. Trabalhar somente com o aluno significa colocá-lo como “responsável” por não aprender. Cada caso era discutido e estudado buscando encontrar os caminhos da aprendizagem e desenvolvimento. Não era incomum encontrar casos de

alunos que não apresentavam dificuldades para aprender, no entanto sua modalidade de aprendizagem não correspondia às expectativas da professora. Por ser comum as alfabetizadoras trabalharem de forma homogênea, como se todos os alfabetizados não tivessem hipóteses sobre o sistema de escrita e começassem a desvendá-lo na escola, aqueles que não se adequavam ao método da professora era encaminhado para o PEA. Esses casos não caracterizavam dificuldades de aprendizagem, mas sim de “ensinagem”.

Sendo assim, a experiência na psicopedagogia possibilitou-me retomar o TCC do meu curso de especialização e construir um projeto de pesquisa para o mestrado.

Enquanto atuava como psicopedagoga no PEA e cursava o mestrado, fui aprovada em Concurso para Professora Substituta no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, em 1996, para trabalhar com as disciplinas de Alfabetização e Estágio Supervisionado. Ao final do contrato de substituta na UFU, fui aprovada em Concurso Público para Professora Efetiva do Curso de Pedagogia na mesma instituição, em 1998, ano que terminei o mestrado. Então deixei a Rede Municipal de Ensino e tomei posse como professora efetiva na UFU, em 27/06/1998.

### **Experiências Profissionais na Educação Superior: Ensino**

Minhas experiências como docente na Educação Superior tiveram início no ano de 1996, quando atuei como professora substituta no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia. Ministrava as disciplinas de Estágio Supervisionado e Alfabetização.

A chegada na universidade como docente provocou-me sensações e sentimentos contraditórios: alegria, medo, expectativas, inseguranças. Há seis anos eu havia concluído a graduação, no mesmo curso e no mesmo prédio onde seria professora de uma das disciplinas que eu mais gostava (Princípios e Métodos de Alfabetização). As mesmas salas, corredores, banheiros, tudo igual, até a secretária do curso, Cândida Rosa Neta, a nossa querida Candinha, que tantas vezes entrou na sala de aula para repassar informações importantes sobre curso e que sempre nos recebia com sorrisos e paciência na secretaria. Ainda viajando no tempo me lembro dos professores e professoras, das posturas em sala de aula, alguns mais sérios e exigentes, outros mais risonhos e

flexíveis, porém todos tinham o meu carinho, respeito e admiração. Como não lembrar do professor de Filosofia do primeiro ano – Tiago Adão Lara, quanto conhecimento, compromisso e sensibilidade na abordagem dos grandes nomes da filosofia, nunca mais esqueci “O mito da caverna”, metáfora escrita por Platão para explicar o conhecimento verdadeiro. Era assim que eu queria que meus futuros alunos e alunas se lembrassem de mim. Para tanto sabia que precisava estudar muito e ser boa professora.

Rapidamente me acostumei ao trabalho no ensino superior, principalmente na sala de aula, sentia-me muito a vontade com os discentes, me preparava bem para as aulas e conseguia ministrar os conteúdos envolvendo-os com minhas dinâmicas e metodologias de ensino. Demorei um pouco mais para entender a complexidade do funcionamento da universidade. Nas reuniões de Departamento<sup>1</sup> eu não falava muito, com receio de falar algo que revelasse minha incompreensão acerca do nosso cotidiano de trabalho. Passei um tempo ouvindo, observando, fazendo perguntas individuais até sentir segurança para me posicionar.

Sem intervalo entre o período de atuação como professora substituta e professora efetiva, em 1998 continuei o meu trabalho conciliando as disciplinas de alfabetização e Supervisão/orientação de Estágio no campo. Estar nas escolas favoreceu a construção de um projeto de pesquisa para o doutorado, embasada também nos resultados da pesquisa do mestrado.

Fiquei liberada para doutoramento entre os anos de 2001 a 2005 e quando retornei do afastamento fiz questão de continuar trabalhando com Estágio Supervisionado para dar continuidade a pesquisa do doutorado. Por ter atuando durante dois anos na escola campo, desenvolvendo a pesquisa de intervenção psicopedagógica, havia construído um vínculo afetivo e acadêmico com a instituição, que abriu suas portas para receber minhas alunas estagiárias do quarto ano do curso de pedagogia.

Em cada sala da escola havia duas estagiárias para avaliação diagnóstica e desenvolvimento da intervenção psicopedagógica sob minha orientação/supervisão. Os casos eram discutidos em nossas aulas teóricas e também na disciplina optativa de Psicopedagogia, que passei a ministrar e todas as estagiárias se matricularam. Foi um

---

<sup>1</sup> Neste período os cursos eram organizados por departamentos, não existiam as faculdades como unidades acadêmicas. No Curso de Pedagogia havia o Departamento de Fundamentos da Educação (DEPFE) e o Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica (DEPOPP), do qual eu fazia parte.

ano de muitos aprendizados, a parceria com a escola se fortaleceu e ao final do período letivo realizamos uma avaliação muito positiva de todo o processo. Ouvimos relatos belíssimos das estagiárias que estavam se formando, das professoras e pedagogas da escola e das próprias crianças, que no manifesto da sinceridade infantil se despediram com lágrimas e abraços das estagiárias.

Essa experiência ocasionou o capítulo de um livro que organizei com a Professora Lázara Cristina da Silva, minha amiga de tempos da prefeitura no PEA e que também está na universidade.

MIRANDA, Maria Irene; SILVA, Lázara Cristina da. **Estágio Supervisionado e Prática de Ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2008.



A publicação contou com apoio da FAPEMIG. O livro aborda o Estágio Supervisionado e a Prática de Ensino enquanto componentes curriculares de fundamental importância nos cursos de formação dos profissionais da educação, sob a ótica de professores dos referidos componentes, que compartilham suas experiências refletidas, revelando caminhos construídos no enfrentamento dos desafios postos à formação do educador.

No primeiro capítulo, de minha autoria, intitulado “Ensino e Pesquisa: o estágio como espaço de articulação”, relato a experiência de desenvolver a pesquisa articulada ao ensino, tornando a escola campo de estágio em campo de pesquisa. Nessa perspectiva:

Considerar o estágio como espaço de investigação implica estabelecer relações de reciprocidade entre o ensino e a pesquisa, sendo essa uma atividade substantiva ao desenvolvimento da capacidade criativa e inovadora, que confere um sentido mais amplo ao ato de ensinar. Em um mundo dinâmico, o ensino não pode mais ser ministrado de forma determinista e estática. A dúvida, a curiosidade e as incertezas precisam estar presentes. Este é um desafio permanente para o professor que orienta o estágio, pois os caminhos não estão postos, as possibilidades emergem do enfrentamento das questões suscitadas no cotidiano escolar. (MIRANDA, p.17, 2008)

Este trabalho norteou proposições posteriores de projetos de investigação desenvolvidos em outras realidades, porém mantendo o princípio epistemológico da pesquisa de intervenção.

Nesta vertente, em parceria com a profa. Arlete Aparecida Bertoldo Miranda, coordenei o projeto PIBEG intitulado “Diagnóstico e Intervenção Psicopedagógica junto a criança com dificuldade de aprendizagem”, por meio do Programa Institucional de bolsas para graduação, contando com a participação de duas bolsistas, alunas da disciplina de Psicopedagogia.

As aulas da disciplina de Psicopedagogia também eram espaços de estudos e trabalhos muito profícuos e interessantes. Mesmo sendo optativa a disciplina é uma das preferidas dos discentes e tem todas as vagas preenchidas no diurno e noturno. Em uma das experiências desenvolvemos um trabalho interdisciplinar com o SEDA (Serviço Especializado em Desenvolvimento e Aprendizagem), um grupo constituído por profissionais de diferentes áreas (Neuropediatra, Pediatra, Psicóloga, Psicopedagoga, Fonoaudióloga) que realizam avaliações diagnósticas de crianças encaminhadas por escolas com queixa de dificuldades de aprendizagem. O atendimento é no Campus Umuarama da Universidade Federal de Uberlândia, seguindo uma lista de espera.

Considerando a lista de espera entramos em contato com as famílias das crianças e agendamos uma conversa inicial para conhecermos melhor a queixa, assim como o interesse e disponibilidade da família em levar a criança a UFU, no Campus Santa Mônica, onde seriam realizados os encontros. Após seleção do grupo de crianças realizamos um trabalho articulando os conteúdos da avaliação diagnóstica e intervenção psicopedagógica. Um dos instrumentos de diagnóstico foi o relatório do SEDA, pois as crianças já haviam passado pela avaliação com o grupo do Campus Umuarama. Os encontros das alunas da psicopedagogia com as crianças aconteciam semanalmente e os dados eram discutidos e analisados em nossas aulas e também em reuniões com a equipe do SEDA. Estes momentos das alunas com a equipe do SEDA eram riquíssimos, pois elas tinham a oportunidade de ouvir e dialogar com profissionais de outras áreas, o que ampliava as vertentes de análise dos casos, e também contribuía para formação numa perspectiva inter e transdisciplinar, tal como preconizado pela psicopedagogia. Ao final da disciplina, as alunas entregaram um relatório descritivo-analítico do caso por elas estudado. Essa experiência foi muito bem avaliada por todos os envolvidos e

despertou em algumas alunas o interesse pela psicopedagogia, fazendo-as procurar o GEPPE (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Psicopedagogia Escolar) e até o Curso de Especialização em Psicopedagogia, após concluírem a graduação.



A disciplina optativa de psicopedagogia é ministrada por mim também no Curso de Pedagogia à distância da FAGED/UFU, são trabalhados os mesmos conteúdos, porém com outra configuração, não menos significativa, dada a dinâmica dos cursos à distância. Sendo assim, produzi um material específico aos alunos da EaD, que mais tarde foi ampliado e transformado em livro para formação inicial e continuada de psicopedagogos.

MIRANDA, Maria Irene. **Psicopedagogia**. Coleção Pedagogia a Distância, UFU/UAB. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2011.

Além do material impresso gravei vídeos aulas para complementação do conteúdo. Todos os discentes do curso recebiam um exemplar do material impresso e do DVD<sup>2</sup>.

Atualmente, no Curso de Pedagogia presencial, além da Psicopedagogia, trabalho também com a disciplina de Psicologia da Educação. Mais uma vez o destino presenteou-me com a possibilidade de atuar em uma das áreas que tanto gosto, juntamente com a alfabetização e a psicopedagogia.

Devido as interfaces entre a Psicologia da Educação e a Psicopedagogia, e ainda por ser duas disciplinas que têm alunos em comum, a organização, planejamento e desenvolvimento das aulas ficam favorecidos, possibilitando a proposição de trabalhos interdisciplinares pautados na concepção de que o processo de conhecimento não se desenvolve em campos fechados, isolados e estáticos.

Recordo-me da primeira vez que trabalhei com a Psicologia da Educação II, que tem como conteúdo programático a Psicologia do Desenvolvimento: Teoria

---

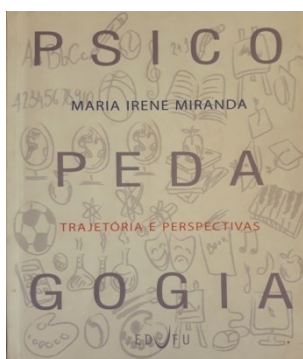
<sup>2</sup> A partir da 3ª edição do Curso não foram mais distribuídos materiais físicos aos alunos devido ao corte de verbas para essa finalidade. Atualmente os materiais ficam disponíveis no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem).

Psicogenética de Jean Piaget; A Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky; A Teoria Biopsicossocial de Wallon. Fiquei preocupada com a responsabilidade que estava assumindo, pois compreendo a relevância desses teóricos no estudo do desenvolvimento humano. Como não me lembrar mais uma vez do professor Antônio Wilson Pagotti? Aquele que durante a minha graduação eu considerava um gênio, por ser doutor em Psicologia e saber tudo de Piaget. Alguns anos depois lá estava eu: doutora em Psicologia da Educação, porém sem a pretensão de saber tudo de Piaget e muito menos de ser gênio. Queria, e quero, somente, ser uma boa professora, vivendo a dialética do ensinar e aprender, conforme anuncia Paulo Freire (1996, p.25): “quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender.”

Nesse processo de construção da docência no ensino superior, além da graduação atuei também como professora na pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu.

Trabalhei em diferentes Cursos de Especialização, alguns como professora convidada, fora da cidade de Uberlândia. No entanto, meu interesse e foco foi o Curso de Psicopedagogia, no qual comecei como docente e depois acumulei a função de coordenadora. Ministrar aula no curso em que fui aluna da primeira turma e que tanto contribuiu para minha formação e constituição identitária enquanto educadora foi uma feliz realização. Ministrar a disciplina de Introdução a Psicopedagogia, é muito bom receber os iniciantes, com seus projetos e sonhos, reportando-me ao entusiasmo que me direcionou a trajetória psicopedagógica. Ministrar também a disciplina de Diagnóstico e Intervenção Psicopedagógica, a qual embasa o TCC que consiste de um estudo de caso psicopedagógico, desenvolvido ao longo do Estágio Supervisionado. Dessa forma, a unidade teoria e prática ocorre pela abordagem da relação de interdependência e de mútua determinação entre ambas.

Para sistematizar os conteúdos das disciplinas em um material a ser utilizado nos cursos de formação produzi um livro organizado em duas partes:



A primeira de natureza introdutória aborda o conceito, o objeto e os objetivos da Psicopedagogia. Considerando seu caráter inter e transdisciplinar, são apresentadas algumas contribuições de diferentes áreas do conhecimento, ressaltando as possibilidades de interlocução(...).

A segunda parte do livro aborda a ação psicopedagógica por meio dos processos de diagnóstico e intervenção. São feitas considerações sobre o estudo de caso psicopedagógico; (...)

foram apresentados os instrumentos utilizados pelo psicopedagogo para investigação das dificuldades de aprendizagem; (...) abordou-se também o processo de análise do diagnóstico, a devolutiva à família e a intervenção a ser realizada como consequência do diagnóstico.

Encontram-se em anexo sugestões de formulários dos instrumentos do diagnóstico (...). MIRANDA (2016, pp.15-16).

MIRANDA, Maria Irene. **Psicopedagogia: trajetória e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

O lançamento do livro ocorreu em dois eventos: V Congresso de Psicopedagogia da UFU e no XIV Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia da Universidade do Minho – na cidade de Braga/Portugal. Foi uma alegria a oportunidade de apresentar trabalho e lançar o livro em outro país, com a participação de estudiosos da psicopedagogia de diferentes partes do mundo.

Ainda sobre o Curso de Psicopedagogia, uma análise do perfil dos egressos revela a atuação em espaços clínicos e institucionais, além de um crescente interesse no mestrado do PPGED/UFU, na Linha de Saberes e Práticas Educativas, onde oriento as pesquisas na temática da psicopedagogia.

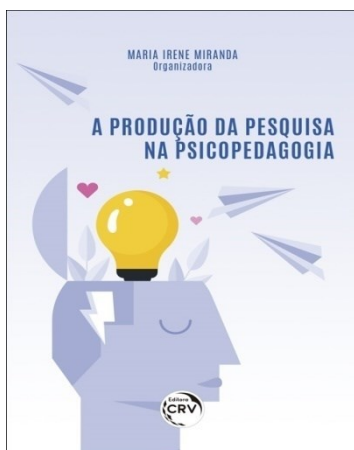
Ao ingressar-me como docente do PPGED/UFU ministrei a disciplina de Pesquisa em educação e iniciei a temática da Psicopedagogia como opção aos candidatos que participam do processo seletivo do programa, sendo a única a orientar projetos de pesquisa nesta vertente.

A orientação de pesquisa no mestrado é um desafio; se o torna-se pesquisadora é um processo gradativo que demanda estudos e dedicação, o tornar-se orientadora demanda mediar o processo do outro, lidando com aspectos objetivos e subjetivos. Nesse sentido a relação entre orientador e orientando é um aprendizado para ambos. Lembro-me com carinho e gratidão de minhas orientadoras de mestrado e doutorado, Regina Feltran e Cláudia Davis, respectivamente. Ambas me ensinaram a tornar-me pesquisadora e orientadora. A partir de suas referências e das experiências acumuladas tenho um compromisso científico e afetivo com cada orientanda, estabelecemos relações de cumplicidade acadêmica, cientes de nossas responsabilidades e deveres para construção de um trabalho de qualidade.



Nos diálogos com as orientandas sempre repito que um texto acadêmico não se define na primeira versão, são necessárias reestruturações, reescritas e revisões. É interessante observar que o desenvolvimento da pesquisa e a construção da dissertação desencadeiam reações distintas: ansiedade, resistência, insegurança, no entanto, ao final do processo o sentimento de conquista e satisfação é compensador e gratificante. Sempre me emociono nas bancas de defesa, como se fosse a primeira vez, mais uma pesquisa realizada, mais uma mestra, mais uma orientação concluída.

Com a intenção de compartilhar as possibilidades de pesquisa com sustentação epistemológica e metodológica na psicopedagogia, organizei um livro de oito textos junto com algumas orientandas, ressaltando o objeto de pesquisa, os objetivos, a problematização, o percurso metodológico, o referencial teórico e os resultados. Espero, assim, “contribuir para produção do conhecimento psicopedagógico, assim como para



constituição identitária da psicopedagogia, enquanto área que estuda o desenvolvimento humano, o processo de aprendizagem e suas dificuldades.” (MIRANDA, p.11, 2019).

MIRANDA, Maria Irene (org.). **A produção da pesquisa na psicopedagogia**. Curitiba: CRV, 2019.

Orientei alguns trabalhos que não residiam na abordagem psicopedagógica, porém foram temáticas relevantes no contexto da Faculdade de Educação e do Curso de Pedagogia: alfabetização, literatura infantil, formação de professores, coordenação pedagógica, educação especial.

Devido assumir outras frentes de trabalho, principalmente na gestão, ainda não oriento pesquisas de doutorado, digo ainda porque faz parte de minhas projeções oferecer vagas para orientandos/as de doutorado, não quero e não vou me aposentar sem viver essa experiência. Nas oportunidades de participar de bancas de qualificação e defesa de doutorandos vejo o quanto é rico este espaço de produção do conhecimento, inclusive por meio da pesquisa-ação, que tem as possibilidades ampliadas pelo tempo de realização do curso.

Por fim, sobre as experiências profissionais no ensino superior não posso deixar de mencionar o ensino remoto, uma alternativa de ação mediante a pandemia do COVID 19 que provocou o isolamento social e a suspensão das aulas a partir de março de 2020 e perdurou por todo o ano, adentrando 2021. A universidade ofereceu o ensino remoto com aulas online, organizadas em atividades síncronas e assíncronas conforme calendário especial. As atividades síncronas reuniam docentes e discentes em um mesmo horário, em espaços físicos distintos, por meio de um sistema de comunicação online. As atividades assíncronas, individuais ou em grupo, propostas e orientadas pelos docentes para serem realizadas pelos discentes em horário e local por eles definidos, porém com um prazo delimitado.

As divergências acerca da pertinência e qualidade do ensino remoto foram e são comuns entre docentes, discentes e gestores, porém tivemos que responder a essa demanda, reinventando as práticas e adaptando o currículo. Sabemos que o Ensino remoto tornou-se um problema para grande maioria dos estudantes brasileiros, principalmente das escolas públicas, devido a falta ou baixa conectividade da internet em algumas regiões, dificuldades de comunicação com os professores para esclarecer dúvidas, docentes com pouco conhecimento sobre as possibilidades de interação e interlocução mediadas por recursos tecnológicos, discentes inseguros e preocupados com seus empregos e saúde de suas famílias, etc. Esse abrupto descompasso entre a escola e os discentes prejudicou a aprendizagem, o aproveitamento acadêmico e a formação de uma parcela considerável de estudantes brasileiros. A realidade foi agravada por um governo negacionista e pela falta de políticas direcionadas a crise sanitária.

A docência em contexto pandêmico trouxe-me experiências inéditas e desafiadoras, o olhar, a escuta e a interlocução não mais aconteciam de forma natural e espontânea. As discentes eram resistentes em abrir microfones e câmeras, o que contribuía para abordagens mais expositivas e menos dialógicas. Na tentativa de provocar a participação, propunha atividades de apresentação das alunas, o que amenizava um pouco minha frustração, pois algumas abriam suas câmeras para falar. Nesses momentos era possível observar a aluna apresentando o trabalho com filho pequeno nos braços, ou sendo interrompida pela criança que pedia ou mostrava algo.

Ao final do período especial fizemos uma avaliação pontuando os aspectos facilitadores e dificultadores do ensino remoto, as alunas abriram suas câmeras e falaram gostar das aulas, das dinâmicas intercalando atividades síncronas e assíncronas, porém tinham que conciliar as atividades domésticas, profissionais e acadêmicas, consequentemente estavam sobrecarregadas, trabalhando mais e muito cansadas. Somado a isto, havia o estresse da incerteza, insegurança e falta de perspectiva, características inerentes ao momento vivido por todos nós desde o início da pandemia. Consideramos que a universidade não pode ser omissa diante das dificuldades enfrentadas pela população, em especial pelos docentes, discentes e técnicos, seu pacto social com o conhecimento não exclui o bem estar e a vida, portanto a responsabilidade e o respeito a cada um e uma deveriam orientar suas atividades neste momento; reafirmando seu compromisso público com a democratização e o acesso à educação.

Ainda não é possível mensurar os efeitos desta crise sanitária sem precedentes, porém após um ano de enfrentamento de suas consequências é possível inferir que precisamos nos ressignificar como pessoas, como professoras, refletir sobre o lugar e a importância do outro, da vida e do mundo. Ouso recorrer ao mestre de Genebra, Jean Piaget, para considerar que a pandemia nos *desequilibrrou*, à medida que nos apresentou questões para as quais não tínhamos respostas, ou seja, *assimilamos* algo inédito e nossa *inteligência adaptativa* não encontrou respaldo em tudo que já conhecíamos. Estamos em processo *acomodativo*, buscando nos reorganizar, nos reestruturar para novamente nos *equilibrar/adaptar*, porém em outro nível, uma vez que os sucessivos *conflitos* provocam avanços, evoluções, *desenvolvimentos*. Como afirma a psicopedagoga argentina Sara Paín (2008), cada momento da história abre certas possibilidades e fecha outras, provocando as distintas descompensações que constituem os sintomas de cada época.

O entendimento acerca da atual realidade requer estudos, reflexões e pesquisas em diversos campos. No contexto educacional são muitas indagações que necessitam de respostas e ações, portanto novas demandas de pesquisas emergem. Nesse sentido, como bem afirma Paulo Freire (1996, p. 32), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”; em sendo assim, vamos às experiências com a pesquisa, por meio das quais problematizamos, indagamos, conhecemos, anunciamos, intervimos e nos constituímos professoras/es pesquisadoras/es.

## **Experiências Profissionais na Educação Superior: Pesquisa**

Quando iniciei a graduação pensava que pesquisar não era para qualquer um, somente as pessoas mais inteligentes e com tempo disponível poderiam se dedicar a tão nobre e complexa atividade. Enquanto aluna do curso de pedagogia não tive muitas oportunidades de pesquisa, cheguei ao mestrado com algumas hipóteses sobre como realizar uma investigação científica e tive a sorte de ser muito bem orientada pela professora Regina Feltran. Neste período já entendia que pesquisar não era para poucos iluminados, mas para qualquer pessoa com iniciativa para retirar os pontos afirmativos e colocar os interrogativos, ou seja, lançar um olhar reflexivo e indagador, problematizando a realidade. Confesso que a pesquisa do mestrado foi mais desafiadora que a do doutorado, despertando-me o gosto e o desejo de ser uma professora pesquisadora.

Quando iniciei na docência do ensino superior acompanhei a defesa recorrente do princípio constitucional de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, porém observei que havia uma ênfase na pesquisa, distanciando-a do ensino e da extensão e ainda distanciando a graduação da pós-graduação. Parecia-me, inclusive, que alguns docentes priorizavam a pós-graduação e tinham mais prestígio que os docentes que atuavam somente na graduação.

Eu não pretendia ser uma professora pesquisadora, cuja pesquisa me distanciasse da sala de aula, pelo contrário, eu queria que a sala de aula e a escola fossem o contexto da pesquisa. Talvez por isso me identifique com a pesquisa de intervenção, uma modalidade de investigação imersa na realidade, que parte do real e volta para o real, ressignificando-o e ressignificando-nos.

A partir desses pressupostos iniciei a pesquisa na graduação orientando alunos/as de Iniciação Científica (IC) por meio do PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica). Para tanto elaborei um projeto “guarda-chuva” articulando o curso de pedagogia, a alfabetização, a psicopedagogia e a pesquisa-ação, denominado: “O pedagogo e os problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições da pesquisa de intervenção”. Um requisito para orientação era o discente ter cursado, ou estar cursando, a disciplina de Psicopedagogia, pois era esse o

referencial que embasava as ações do projeto de pesquisa; que tinha como objetivo possibilitar ao aluno do curso de pedagogia a oferta de acompanhamento psicopedagógico a um aluno do ensino fundamental na fase da alfabetização, sob minha orientação. Os atendimentos eram realizados de duas a três vezes por semana na universidade. Esta experiência foi muito significativa à medida que possibilitava articular o ensino (os casos eram discutidos nas aulas de psicopedagogia), a pesquisa (desenvolvimento na iniciação científica) e a extensão (oferta de acompanhamento psicopedagógico gratuito à comunidade). Com o crescente envolvimento e interesse dos discentes do curso de pedagogia e da pós-graduação na pesquisa iniciei em 2009 o GEPPE (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Psicopedagogia Escolar) com ações voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão.

Desde 2009 o grupo se reúne quinzenalmente para estudos de temáticas pertinentes a psicopedagogia, normalmente relacionadas aos casos em atendimento na Iniciação Científica.

Na intenção de intensificar as atividades da pesquisa de intervenção, em 2011, participamos do Edital da FAPEMIG (Projeto de Extensão em Interface com a Pesquisa), cuja aprovação do projeto possibilitou o desenvolvimento da pesquisa no período de fevereiro de 2012 a fevereiro de 2014, em uma escola pública municipal da cidade de Uberlândia. Para tanto contamos com apoio material e o trabalho de três alunas bolsistas do curso de pedagogia.

Por se tratar de uma pesquisa de intervenção, a problemática que orientou a investigação foi definida no campo de estudo, no contato com a realidade e os participantes. Nas primeiras visitas foi possível identificar a demanda da instituição relacionada ao processo de alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, especificamente no 1º e 2º anos. Identificamos também um grande interesse e predisposição da escola em participar da pesquisa, condição fundamental para o trabalho coletivo próprio da pesquisa de intervenção.

Nesta modalidade de pesquisa, ao interagir com a realidade:

(...) o pesquisador descobre os problemas que justificam uma investigação, ou seja, se uma pesquisa pressupõe um problema, esse é constatado no cotidiano, nas relações estabelecidas com os diversos autores que compõem o contexto social, cultural e histórico. As questões-problema, norteadoras da investigação,

não são formuladas a priori, da mesma forma que não são sugeridas hipóteses a serem testadas ou confirmadas. É por meio da interação no campo que emergem o problema e as hipóteses, as quais são suposições criativas que orientam a busca de informações e não têm a pretensão de serem comprovadas. Na pesquisa-ação as hipóteses são formuladas com base na problematização do cotidiano, na cultura dos participantes, nas discussões coletivas, nas observações participantes (MIRANDA, 2012, p.11)

O processo de construção dos dados foi por meio da avaliação diagnóstica dos alunos indicados pelas professoras e pedagoga da escola por apresentarem dificuldades em relação a aprendizagem da leitura e da escrita. Esses alunos constituíram os sujeitos/participantes da pesquisa, juntamente com suas professoras. No total foram 18 alunos/as (16 meninos e 2 meninas), do 1º e 2º anos, na faixa etária entre 8 e 12 anos. Os dados da avaliação diagnóstica eram discutidos e analisados com as docentes da escola e nas reuniões do GEPPE. Com a análise o grupo dispunha de elementos para o planejamento da intervenção psicopedagógica, conforme previsto no projeto de pesquisa. A intervenção contemplou ações junto aos alunos, suas professoras e pais. De acordo com os princípios psicopedagógicos as atividades intervencionistas envolvem não somente o sujeito *aprendente*, mas também o seu entorno, uma vez que a aprendizagem é um processo que ocorre nas relações.

Os resultados obtidos indicaram que dos 18 alunos que iniciaram o projeto, 16 chegaram ao final apresentando uma evolução conceitual significativa, à medida que já compreendiam como o sistema de escrita funciona. Alguns (60%) estavam em processo de construção das convenções ortográficas, enquanto outros (40%) estavam alfabetizados ortográficos. A partir desses dados foi possível inferir que a psicopedagogia pode contribuir de forma significativa com o trabalho de pedagogos e professoras alfabetizadoras, respaldando o desenvolvimento de projetos de pesquisa de intervenção condizentes às necessidades de alunos alfabetizando.

A experiência com a pesquisa de intervenção levou-me a organização de um livro sobre a pesquisa-ação, novamente em parceria com a professora Lázara Cristina da Silva.

O livro aborda os pressupostos básicos e os princípios norteadores da pesquisa-ação no contexto educacional, apresentando experiências dessa modalidade de pesquisa como metodologia de trabalho para efetivação de projetos formativos e investigativos.

Historicamente, pesquisadores mais conservadores lançam um olhar desconfiado para pesquisa-ação, considerando-a um tanto utópica e cientificamente pouco legítima; no entanto a realidade revela que seus princípios correspondem melhor às expectativas de estudiosos que almejam melhorar a práxis pedagógica, o que explica o aumento da opção pela pesquisa-ação. Os relatos do livro corroboram neste sentido e ainda ressaltam a possibilidade de retorno que a pesquisa oferece, ao pesquisador e aos participantes, respondendo as demandas emergentes e favorecendo novos saberes e práticas.



MIRANDA, Maria Irene; SILVA, Lázara Cristina da. **Pesquisa- Ação** - uma alternativa à práxis educacional. Uberlândia: EDUFU, 2012.

Aquele desejo de tornar-me uma professora pesquisadora ainda mora em mim e é realimentado a cada pesquisa que realizo ou oriento. Hoje compreendo que pesquisar é querer saber, é responder aos problemas da realidade, que por ser dinâmica torna o conhecimento provisório e nos coloca na permanente situação de busca, indagação e produção. Se as perguntas movem o mundo, o desejo de respondê-las sustenta o pesquisador, que a cada trabalho investigativo realizado renova o sentimento de pertencer, tal como preconiza Clarice Lispector (1999): A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver.

Então eu aprendi, pesquisar é saber, é ensinar, é compartilhar; e por falar em compartilhar vamos às atividades de extensão, por meio das quais também reafirmamos o sentimento de pertencer.

### **Experiências Profissionais na Educação Superior: Extensão**

Em minha atuação profissional no ensino superior a extensão se configura na articulação com o ensino e a pesquisa, como interface de um mesmo fazer. Talvez pela experiência na educação básica, a interlocução com a escola é uma constante em minha trajetória acadêmica e profissional.

Considero as atividades extensionistas na perspectiva freiriana, segundo a qual “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.”( FREIRE, 2006, p. 36). Em sendo assim, as interações dialógicas possibilitam amalgamar os saberes e fazeres da cultura do contexto e da cultura universitária. Posso afirmar que aprendo muito por meio das atividades de extensão, que são reveladoras da relevância social do conhecimento.

Ao longo de minha trajetória participei de programas institucionais de extensão, como o PEIC (Programa de Extensão, Integração, UFU/Comunidade), desenvolvendo o Projeto - “Atuação da universidade na escola: a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão”, em parceria com a professora Arlete Bertoldo Miranda. Em decorrência do projeto eram realizadas reuniões quinzenais para estudos diversos na área da psicopedagogia e da psicologia da educação, com a participação de discentes, docentes e profissionais de ensino.

Participei também do PROCAP (Programa de Capacitação), implantado pelo Governo do Estado de Minas Gerais, através de sua Secretaria de Educação - SEE/MG, para realização da formação contínua de professores das redes estadual e municipais. O PROCAP foi tema de muitas pesquisas que analisaram os impactos do programa no processo de formação docente.

Outra participação significativa foi no Programa Alfabetização Solidária, criado para alfabetizar jovens e adultos nas cidades com maior índice de analfabetismo, conforme indicação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O Programa consistia da parceria entre o Ministério da Educação, o Conselho da Comunidade Solidária, empresas, universidades e prefeituras dos municípios atendidos.

As universidades parceiras eram responsáveis pela dimensão acadêmico-pedagógica do Programa, coordenando as atividades de alfabetização, a formação e acompanhamento dos alfabetizadores, os quais eram selecionados entre os moradores do município que abria as salas de aula.

A Faculdade de Educação da UFU era responsável pela coordenação de seis municípios no estado do Ceará, dos quais eu coordenei dois durante quatro anos:



Poranga e Ipaporanga, localizados a uma média de 300k de Fortaleza. As visitas aos municípios eram mensais, quando aconteciam as visitas às salas de aula, assim como reuniões de formação dos alfabetizadores. Por meio dessa experiência pude conhecer localidades muito pobres, salas de aula muito simples, algumas com piso de terra batida e luz de lampião. No entanto me sentia à vontade, pois era bem recebida pelos alfabetizadores e alunos. Nas cidades não tinha lugar para hospedagem, então eu ficava na residência do prefeito ou da coordenadora do Programa no município. Durante minha permanência podia observar a relação de dependência da população que buscava recursos na casa do prefeito, principalmente para problemas de saúde. Em conversa com alguns moradores era possível constatar o sentimento de gratidão pelo que recebiam, como se fosse uma doação e não um direito. Em reunião com os alunos eu explicava que eles pagavam por meio de impostos por todo o serviço oferecido pela prefeitura. Da mesma forma, os óculos “doados” pelo Programa Alfabetização Solidária não era um favor do governo, era um dever para com os cidadãos. Por várias vezes conversamos sobre direitos e deveres, sobre a importância da educação para formação e construção da cidadania. Era um trabalho que exigia muito, mas eu gostava, tanto que em uma das viagens levei meus filhos para conhecerem a realidade do Brasil.

A partir de 2009, com a criação do GEPPE (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Psicopedagogia Escolar) passei a coordenar ações extensionistas mais específicas na psicopedagogia, como a realização de acompanhamentos psicopedagógicos à comunidade, Congresso de Psicopedagogia e Curso de Extensão.

Os atendimentos psicopedagógicos à comunidade eram/são realizados por discentes da graduação e da pós sob minha orientação. Seguimos uma lista de alunos de escolas públicas com queixa de dificuldades de aprendizagem e que aguardam por acompanhamento psicopedagógico. Realizamos a avaliação diagnóstica para conhecer a queixa, assim como as hipóteses do sujeito aprendiz acerca do objeto de conhecimento. Os dados de diagnóstico são discutidos, organizados e analisados para respaldar a intervenção psicopedagógica, que acontece em dois ou três encontros semanais de 50 a 60 minutos. Não há um tempo pré-definido para o atendimento, o que depende do caso em estudo e do sujeito em processo de aprendizagem. Periodicamente o trabalho é discutido no GEPPE para embasar o planejamento das ações intervencionistas.

Os congressos e cursos de extensão do GEPPE são intercalados anualmente, conforme tabelas abaixo que registram as temáticas abordadas em cada edição dos eventos.

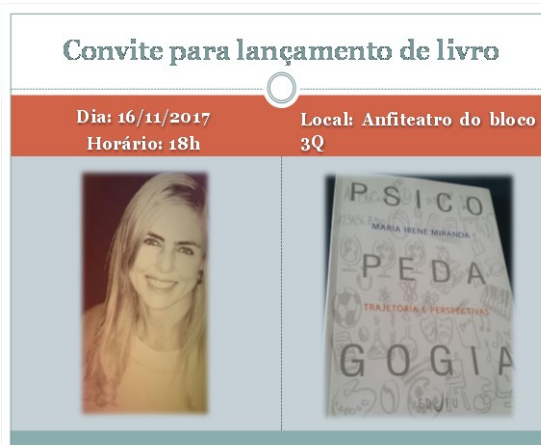
### **Congressos de Psicopedagogia**

<b>Ano</b>	<b>Edição</b>	<b>Temática</b>
2009	I Congresso de Psicopedagogia do GEPPE	Contribuições da Psicopedagogia para educação escolar.
2011	II Congresso de Psicopedagogia do GEPPE	A construção do saber e do fazer psicopedagógico no contexto educacional.
2013	III Congresso de Psicopedagogia do GEPPE XII Seminário Nacional: O Uno e o Diverso na Educação Escolar	O Uno e o Diverso na Educação Escolar.
2015	IV Congresso de Psicopedagogia do GEPPE	O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces: compreendendo e atuando com as dificuldades de aprendizagem.
2017	V Congresso de Psicopedagogia do GEPPE e I Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia	Psicopedagogia e constituição do humano: uma abordagem sistêmica.
2019	VI Congresso de Psicopedagogia do GEPPE II Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia	GEPPE - 10 anos de caminhada psicopedagógica: os desafios do aprender e do fazer.
2021	VII Congresso de Psicopedagogia do GEPPE e III Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia	Em construção

O congresso acontece sempre no mês de novembro, na semana do dia 12, quando se comemora o dia do psicopedagogo. A programação é organizada em palestras, mesas-redondas, mini-cursos, apresentação de trabalhos e atividades culturais, totalizando uma carga horária de 40 horas.

Na 3ª edição o evento foi realizado em parceria com a Linha de Pesquisa “Saberes e Práticas Educativas” do PPGED/UFU, buscando unir esforços para oferta de dois eventos que já são tradição no âmbito da FAGED. E ainda considerando as interfaces, pois a psicopedagogia é uma das temáticas da referida linha de pesquisa.

A partir da 5ª edição do congresso passamos a realizar o Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia, objetivando favorecer a interlocução entre estudiosos e pesquisadores de temas psicopedagógicos ou correlatos. Durante o I Encontro foi abordada a importância da pesquisa na constituição do conhecimento psicopedagógico, considerando as



especificidades de seu objeto de investigação, o qual está relacionado ao processo de aprendizagem. Para ilustrar, minhas orientandas promoveram uma “roda de conversa” apresentando e dialogando sobre suas pesquisas na vertente psicopedagógica. Nesta ocasião foi lançado o livro “Psicopedagogia: trajetórias e perspectivas”, conforme anunciado anteriormente em minhas experiências de ensino.

Na 6ª edição do congresso comemoramos uma década do GEPPE, apresentando o histórico do grupo, as atividades de ensino, pesquisa e extensão, assim como as perspectivas para os próximos anos, contemplando principalmente a ampliação da pesquisa articulada aos atendimentos psicopedagógicos. Durante o II Encontro de Pesquisadores, fizemos o lançamento do livro: “A Produção da Pesquisa na Psicopedagogia”, também anunciado anteriormente em minhas experiências de ensino.

No início de 2021 o GEPPE retomou as reuniões de forma remota e está discutindo a temática e a configuração do VII Congresso de Psicopedagogia e III Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia. O evento será realizado no período de 09 a 12 de novembro; dentre as atividades está previsto o lançamento do livro: “Quando em casa de ferreiro o espeto é de ferro: convivendo e trabalhando com o TDAH”, um trabalho que estou finalizando e que tem um significado muito especial, pois relato a experiência de conviver e atuar com meu neto que tem diagnóstico de TDAH.

### Cursos de Extensão do GEPPE

Ano	Edição	Temática
2010	I Curso de Extensão do GEPPE	Ações psicopedagógicas no contexto escolar e não escolar.
2012	II Curso de Extensão do GEPPE	O fazer psicopedagógico na alfabetização:

		contribuições da pesquisa de intervenção.
2014	III Curso de Extensão do GEPPE	Dificuldades de aprendizagem na alfabetização: contribuições da psicopedagogia.
2016	IV Curso de Extensão do GEPPE	Estudo de Caso Psicopedagógico: trilhando possibilidades e construindo caminhos.
2018	V Curso de Extensão do GEPPE	Uma abordagem transdisciplinar do processo de escolarização.
2020	VI Curso de Extensão do GEPPE	Psicopedagogia, Ensino e Aprendizagens: reinventando o cotidiano

Os cursos de extensão acontecem ao longo do segundo semestre do ano, com carga horária de 40h e encontros quinzenais. As temáticas são definidas conforme as demandas de estudo do GEPPE. Nesse sentido, a 2ª edição do curso foi parte das atividades do projeto de extensão em interface com a pesquisa: “O Pedagogo e os problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições da pesquisa de intervenção”, financiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo a pesquisa no Estado de Minas Gerais) e desenvolvido na E. M. Profa. Irene Monteiro Jorge. Os educadores da referida escola tiveram prioridade na inscrição, mas também foram ofertadas vagas para outros interessados.

Em 2020 devido a necessidade de isolamento social ocasionada pelo Coronavírus a 6ª edição do curso foi à distância, abordando o ensino e a aprendizagem no contexto de trabalho remoto e visando possibilitar aos participantes uma compreensão integradora do ensinar e do aprender, mesmo quando a interação ocorre em ambientes virtuais. Dessa forma, buscou-se contribuir para a formação inicial e continuada de educadores, favorecendo a atuação condizente às necessidades dos aprendentes e dos ensinantes em momento pandêmico.

As atividades de extensão do GEPPE buscam responder às necessidades e interesses de profissionais da área da educação, tendo como referência os pressupostos teórico-metodológicos da psicopedagogia em sua dimensão inter e transdisciplinar.

Visando ampliar o alcance das ações do GEPPE, no segundo semestre de 2020 apresentei a proposta de criação do PIAPSI (Programa Institucional de Acompanhamento Psicopedagógico). A proposição de um Programa Institucional no âmbito da universidade está respaldada no compromisso e responsabilidade em desenvolver ações que atendam as demandas acadêmicas e sociais em determinado período histórico-cultural.

O Programa foi aprovado em outubro de 2020 (Resolução Nº 7/2020, do Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis), visando o desenvolvimento de atividades articuladoras do ensino, da pesquisa e da extensão, tendo como objeto de estudo e intervenção os processos de aprendizagem e os desvios e dificuldades decorrentes destes processos. O público alvo são os alunos da educação básica das escolas públicas da cidade de Uberlândia.

As atividades de ensino se configuram na participação de discentes da graduação e da pós-graduação no oferecimento de acompanhamento psicopedagógico a comunidade. Os graduandos são alunos do Curso de Pedagogia que cursaram ou cursam a disciplina – Tópicos em Psicopedagogia, a qual oferece subsídios teórico-metodológicos para atuação no referido Programa<sup>3</sup>. Os pós-graduandos são alunos do Curso de Especialização em Psicopedagogia<sup>4</sup> e/ou orientandos de mestrado que têm a psicopedagogia como área de pesquisa.

As atividades de pesquisa são desenvolvidas juntamente com as atividades de ensino, também por discentes de Iniciação Científica (IC). É prevista a participação em Editais Institucionais que fomentem o envolvimento de graduandos bolsistas e voluntários.

As atividades de extensão consistem em oferecer o acompanhamento psicopedagógico gratuito a alunos da educação básica de escolas públicas que apresentam dificuldades nos processos de aprendizagem e escolarização. As ações extensionistas compreendem também a realização bianual de eventos científico-acadêmicos (Congresso de Psicopedagogia, Encontro de Pesquisadores em

---

<sup>3</sup> Os graduandos são orientados pela professora de Psicopedagogia conforme a especificidade do caso psicopedagógico em acompanhamento.

<sup>4</sup> Os pós-graduandos desenvolvem o TCC (trabalho de Conclusão de Curso) realizando um Estudo de Caso Psicopedagógico, que prevê o Estágio Supervisionado por meio dos acompanhamentos psicopedagógicos.

Psicopedagogia, Curso de Extensão em Psicopedagogia). É importante salientar que a definição de temáticas para os referidos eventos ocorre a partir das demandas identificadas nas atividades de ensino e pesquisa, possibilitando ações articuladas.

Espero que este Programa possa ampliar o atendimento a demanda de alunos das escolas públicas que necessitam de acompanhamento psicopedagógico e não dispõem de recursos para buscá-lo, tendo em vista que o atendimento está disponível, quase sempre, em segmentos privados.

Isto posto, o PIAPSI está embasado em referenciais de inclusão social e escolar, tendo como princípio epistemológico o direito de acesso e construção do conhecimento por meio das relações estabelecidas entre o sujeito histórico aprendente e os objetos histórico-culturais. Coerente a estes pressupostos os objetivos do Programa consistem em:

- Oferecer acompanhamento psicopedagógico gratuito aos alunos e alunas da educação básica de escolas públicas.
- Desenvolver ações psicopedagógicas articuladoras do ensino, da pesquisa e da extensão.
- Realizar Cursos de Formação Continuada aos professores e professoras da educação básica.
- Contribuir para formação de graduandos e pós-graduandos.
- Favorecer a melhoria da qualidade do ensino oferecido nas escolas, por meio de projetos de pesquisa de intervenção psicopedagógica que visam promover a aprendizagem e o sucesso escolar dos alunos.
- Possibilitar a interlocução entre a universidade e demais instituições de ensino.
- Ampliar e efetivar a interlocução com profissionais e estudiosos de outras áreas, atendendo ao princípio interdisciplinar da psicopedagogia.

Para tanto se faz necessário um espaço físico visando o desenvolvimento das seguintes ações:

- Acompanhamento psicopedagógico duas vezes por semana, realizado por discentes da graduação e da pós-graduação, sob a orientação de professores da UFU.

- Reuniões quinzenais de estudo e discussões dos casos em acompanhamento, sob a coordenação do GEPPE.
- Reuniões externas de acordo com a demanda: comunidade, pais, escolas, outras instituições.
- Desenvolvimento de Cursos de Extensão visando a formação de professores e psicopedagogos.
- Realização de eventos acadêmicos: Congresso de Psicopedagogia, Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia.
- Produção de artigos acadêmicos e livros resultantes dos estudos e pesquisas realizadas.
- Participação em eventos acadêmicos para socialização do trabalho e interlocução com estudiosos e pesquisadores da psicopedagogia e áreas correlatas.

Outras atividades podem ser realizadas tendo em vista as necessidades no decorrer do percurso, buscando sempre redimensionar as ações para que melhor respondam as demandas acadêmicas e sociais, pois a realidade é dinâmica, logo reconfigurar o trabalho é um processo contínuo.

Após as considerações objetivas acerca do PIAPSI, subjetivamente a proposição do Programa significa sintetizar de forma afetiva e cognitiva todas as ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas em minha atuação na docência em Psicologia da Educação e na Psicopedagogia, tanto na graduação como na pós-graduação; na coordenação do GEPPE e do Curso de Especialização em Psicopedagogia; nas orientações de Iniciação Científica e dissertações de Mestrado com viés psicopedagógico e ainda na produção de artigos e livros.

Por fim, compreendo a extensão universitária como espaço de produção de conhecimento, do encontro do saber/fazer acadêmico com o saber/fazer social, portanto uma atividade de natureza crítica, democrática e transformadora; por meio da qual interagimos e relacionamos com os outros e com o mundo, constituindo e constituindo-nos, pessoas e profissionais.

### **Experiências Profissionais na Educação Superior: Gestão**

Para iniciar as considerações das experiências na gestão, julgo necessário compartilhar minha concepção acerca dessa importante e desafiante atividade. No contexto da educação pública, a gestão tem um compromisso social com a democracia, com o direito de acesso a produção do conhecimento e com a formação para cidadania. Sendo assim, é preciso compreender os processos inerentes ao exercício da gestão, e também construir relações humanas pautadas no respeito, no diálogo e na reciprocidade.

Atuar em cargos de gestão é, quase sempre, uma opção, que uma vez assumida coloca algumas responsabilidades para além da perspectiva acadêmica, demandando tempo e capacidade de organização e articulação para que não haja prejuízo no ensino, na pesquisa e na extensão.

As atividades de gestão confirmam a premissa de que nunca estamos totalmente preparados ou prontos para determinada atuação, aprendemos no exercício da ação. As recorrentes normatizações, o contexto político e as demandas emergentes apresentam novas questões, cujas respostas precisam ser produzidas, normalmente em curto espaço de tempo. Por assim ser, confesso que em alguns momentos encontrei, e encontro, dificuldades nos encaminhamentos, no entanto aprendo muito a cada desafio superado. É como afirma Paulo Freire (1989, p. 31): “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Após essas considerações preliminares passo a discorrer sobre cada atividade de gestão que tive a oportunidade de realizar. Para tanto sigo uma ordem cronológica, que demarca também o meu amadurecimento para lidar com os desafios inerentes ao cargo.

Minha primeira experiência de gestão foi anterior a universidade, como diretora escolar na rede municipal de ensino de Uberlândia. Quando a Secretaria Municipal de Educação criou o cargo de diretor escolar foi aberto um processo seletivo, no qual fui aprovada para atuar na Escola Municipal Criança Feliz, atualmente EMEI Profa. Stela Maria de Paiva Carrijo, em homenagem a uma professora da Universidade Federal de Uberlândia.

A gestão na escola de Educação Infantil foi marcada por atividades de formação de professores, trabalho com as famílias, acompanhamento das crianças. Foi um período de grande aprendizado, tanto no aspecto humano quanto no acadêmico. Trabalhei com



professores de diferentes níveis de formação, de experiência e até mesmo de interesse e envolvimento. Precisei aprender a equilibrar minhas expectativas para compreender o momento e as concepções do outro. Por ser muito interessada no processo de ensino e aprendizagem, por gostar da dimensão pedagógica da escola, eu me dispunha a estar com os professores em sala de aula, participar das atividades auxiliando-os com as crianças. Alguns gostavam e até elogiavam minha participação, enquanto outros não viam com bons olhos, se sentiam vigiados e inseguros com minha presença em sala de aula. Para estes professores o diretor tinha um papel muito definido no espaço escolar, o qual não contemplava as atividades docentes e se limitava as questões administrativas e burocráticas da instituição. Sendo assim era comum que algumas crianças consideradas indisciplinadas fossem encaminhadas para a “sala da diretora”. Esses encaminhamentos me desanimavam e também me entristeciam, lembro de um dia que a professora entrou em minha sala exaltada e segurando uma criança de cinco anos pelo braço gritava: “eu não aguento mais, deixa esse menino ficar aqui, pelo amor de Deus”; quando a professora saiu xingando pelos corredores, olhei para criança que estava com os olhos arregalados e assustados parecendo aguardar um castigo, sem saber o que fazer e falar eu agachei e o abracei, então ele começou a chorar. Após acalmá-lo, conversamos, jogamos e eu entreguei um papel e lápis coloridos para que desenhasse. Esse episódio teve alguns desdobramentos, como discussões sobre indisciplina, relação professor-aluno, atividades pedagógicas, etc. Ao final a professora agradeceu minha intervenção e eu ganhei um amiguinho de cinco anos, que todos os dias me procurava pela escola para falar oi.

Nos momentos de formação eu atuava com a supervisora pedagógica que era responsável pela coordenação do trabalho dos professores. Sempre que possível enfatizava a importância do trabalho coletivo na perspectiva da gestão democrática, abordava temáticas pertinentes a educação infantil e incentivava o desenvolvimento de projetos para atender as demandas emergentes da escola. Um dos projetos que desenvolvemos era chamado “Pintando o sete”, o qual consistia em atividades artísticas e lúdicas e envolvia os alunos, professores e comunidade. Nos dias do projeto a rotina era modificada, a escola ficava mais alegre, colorida e as pessoas mais sorridentes.

No tocante às famílias, tínhamos um cronograma de reuniões definido e compartilhado no início do ano letivo. Buscávamos fazer das reuniões momentos informativos em relação a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Eu

participava de todas as reuniões e gostava muito de apresentar as avaliações diagnósticas e processuais, por meio das quais os pais poderiam compreender a evolução de seus filhos. Havia também um projeto com as famílias que consistia de palestras mensais com profissionais convidados de diferentes áreas para abordar temáticas relacionadas ao desenvolvimento infantil. Os temas podiam ser sugeridos pelos pais e pelos professores. Havia um envolvimento significativo nessa atividade.

Permaneci por três anos na direção da EMEI Profa. Stela Maria de Paiva Carrijo, intercalando sabores e dissabores. Se por um lado as atividades pedagógicas me envolviam e me realizavam pessoal e profissionalmente, por outro as intervenções político-partidárias me desanimavam e decepcionavam. Não raramente eu recebia “cartinhas” de políticos solicitando vaga. A escola tinha uma lista de espera para matrículas, porém nem sempre era possível atender aqueles que aguardavam, uma vez que os políticos do partido da situação tinham prioridades. Fatos dessa natureza somados aos infindáveis desafios do cotidiano escolar me fizeram sentir que havia chegado o momento de finalizar o meu ciclo naquele espaço, dentro de minhas condições, objetivas e subjetivas, eu havia contribuído, porém o meu desejo não mais residia naquele lugar; então “agarrei com unhas e dentes” a oportunidade de trabalhar como psicopedagoga no Programa Ensino Alternativo, onde atuei até ingressar-me na universidade.

Minha segunda experiência de gestão, já atuando na Universidade Federal de Uberlândia, foi como coordenadora do Curso de Pedagogia Presencial (2006 – 2011). No mesmo ano em que retornei do doutorado assumi a coordenação e devido ao afastamento de quatro anos não estava inteirada das discussões e demandas vigentes do curso. Hoje compreendo que talvez tenha sido justamente o meu distanciamento o que motivou o apoio dos demais professores para que eu assumisse o cargo.

Retornei do doutorado em 2006 com o propósito de continuar minha pesquisa de intervenção psicopedagógica na escola campo, porém com as alunas do Estágio Supervisionado do curso, como relatei nas experiências de ensino. Eu confesso que assumir um cargo de gestão naquele momento não estava em meus planos e nem em meus desejos. No entanto aceitei o desafio, talvez sensibilizada pela oportunidade de coordenar o curso do qual fui aluna, na mesma instituição, no mesmo prédio e com a mesma secretária. Havia também a expectativa de que por meio da experiência eu

compreenderia e contribuiria melhor com o curso, a formação de professores, a universidade e a educação; e assim foi.

Justamente no ano que iniciei no cargo de coordenadora o curso estava implementando um novo PPC (Projeto Pedagógico de Curso), pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006). Como meu objeto de pesquisa no doutorado não contemplava o curso de pedagogia, eu desconhecia tanto o PPC quanto as DCNs, o que me exigiu dias e noites de estudos na busca de compreensão dos documentos. Com o tempo e apoio de professores mais experientes fui ficando mais segura e fazendo uma leitura mais crítica do entorno.

Nas conversas com professores e nas reuniões de curso constatei que havia certa resistência em relação ao novo projeto respaldada no argumento de que o PPC não era representativo das concepções e expectativas da maioria. Por assim ser, desde o primeiro ano de implementação já havia sinalizações e reivindicações de reestruturação. Tornou-se evidente que alguns professores não acreditavam no PPC e almejavam uma reestruturação imediata, enquanto outros tentavam fazê-lo acontecer. Neste contexto eu tinha o papel de buscar alternativas junto ao grupo, tanto para fazer acontecer, como para propor reestruturações. Mais uma vez estar na gestão foi um exercício de paciência e de aprendizado do trabalho coletivo. Realizávamos reuniões e assembléias com docentes e discentes, constituíamos comissões de avaliação, apresentávamos propostas de realização e reestruturação, mas às vezes não era possível contar com o envolvimento de todos os docentes; então compreendi que o coletivo nem sempre se configura na totalidade e que não participar e não se envolver é também um direito de cada um, respeitado em sua liberdade de decidir pertencer ou não pertencer. Desde então trabalhei com mais tranquilidade, embora as demandas exigissem estar na universidade nos três turnos, pois as aulas aconteciam nos períodos matutino e noturno e as reuniões no vespertino.

No tocante ao corpo discente, o diálogo foi o melhor caminho, estabelecíamos relações pautadas no respeito e na amizade. Tínhamos alunos com realidades, necessidades e expectativas muito diversas; a maioria conciliava trabalho e estudo. Cada colação de grau que participei significou uma realização, pois eu conhecia a história dos

alunos, sabia de seus sacrifícios e do significado daquele momento em suas vidas e de suas famílias, por isso sempre me emocionei durante as cerimônias.

Participar das reuniões nos conselhos superiores da universidade foi também aprendido, uma vez que pude compreender melhor os trâmites institucionais que constituem o cotidiano da gestão universitária.

Foram cinco anos como coordenadora do Curso de Pedagogia presencial, um espaço de consensos, dissensos, acertos, erros, alegrias, tristezas; mas, sobretudo, mais uma experiência importante a minha constituição pessoal, acadêmica e profissional. Sinto gratidão e alegria por tudo que vivenciei neste período, e para ilustrar recorro a uma frase cuja autoria é atribuída a Freud (s/d): “um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste”<sup>5</sup>.

E a luta continua, atualmente na coordenação do Curso de Pedagogia à Distância (2012 – 2021). A experiência no curso presencial, a atuação no colegiado e na docência do curso à distância levaram-me novamente a coordenação. Ao assumir o cargo estava mais segura em relação às funções que deveria desempenhar, porém insegura em relação a modalidade, pois o curso à distância apresenta demandas específicas, principalmente quanto ao uso das tecnologias de informação e comunicação na educação, as quais reconfiguram as práticas de ensino.

Eu não era uma estudiosa da Educação à Distância (EAD), mas sempre acreditei na aprendizagem enquanto processo social, logo sabia que poderia aprender na relação com os docentes, discentes e recursos tecnológicos, assim como no estudo sobre as políticas e mecanismos regulatórios balizadores desta modalidade de ensino.

Uma dimensão importante da EAD refere-se às políticas públicas para oferta do ensino à distância, dado o esforço e incentivo do poder público em expandir as vagas nesta modalidade, o que nem sempre é visto com bons olhos por estudiosos e pesquisadores da educação.

O contexto pós LDB/1996 (Lei de Diretrizes e Base da Educação) favoreceu a expansão do ensino superior no Brasil e incentivou o envolvimento das IES (Instituição

---

<sup>5</sup> Esta é uma das inúmeras frases atribuídas a Sigmund Freud para exemplificar de forma bem resumida alguns aspectos de sua vasta e rica teoria. Por não haver registros da fonte que confirme a autoria, academicamente, talvez não seja muito prudente, mas por gostar da frase e considerá-la oportuna optei por empregá-la para ilustrar um pensamento/sentimento.

de Ensino Superior) com a EAD, principalmente os cursos de licenciatura, dentre eles e de forma bem expressiva, a pedagogia. Essa realidade desencadeou alguns movimentos de resistência pautados, sobretudo, na defesa da qualidade do ensino, na valorização do trabalho docente, na crítica a visão mercadológica de educação. Essa discussão fica mais evidente nos embates sobre a EAD pública e privada.

Não tenho a intenção de abordar as tensões entre o público e o privado no tocante a EAD, visto que essa discussão não figura entre os propósitos deste texto. No entanto vivencio posicionamentos divergentes, de apoio e de oposição, tanto no âmbito da minha unidade acadêmica, Faculdade de Educação, quanto no âmbito da universidade. Mesmo assim, acredito na possibilidade de um ensino à distância com qualidade e há uma década trabalho para que assim seja. Nosso curso de pedagogia é muito bem avaliado, com destaque para o material didático e o corpo docente, dispõe de estrutura que atende a nossa demanda, temos uma plataforma pública definida, material produzido específico para as disciplinas à distância, docentes, discentes e tutores habituados à modalidade de ensino. Estamos finalizando a terceira turma e iniciando a quarta. Consideramos que o curso à distância democratiza o acesso a educação superior, pois muitos discentes relatam que se não fosse nesta modalidade não poderiam fazer um curso de graduação. Nesse sentido é importante conhecer quem é o aluno da EAD e por que ele faz opção pelo curso à distância.

Sabemos que há um longo e desafiante caminho a percorrer para o fortalecimento da EAD pública, enfrentamentos como o *lobby* das instituições privadas, a não institucionalização da EAD, que ainda se configura como um Programa, as condições de trabalho dos tutores, dentre outros. Porém, partindo do princípio de que as adversidades nos ensinam e nos fortalecem, sou grata por tudo que tenho vivido e aprendido na EAD.

Concomitante a coordenação da pedagogia, coordeno o Curso de Especialização em Psicopedagogia. Assumir este cargo teve um significado especial, pois fui aluna da primeira turma de pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia da UFU e como relatei anteriormente, foi um curso que contribuiu sobremaneira para ampliar minhas concepções e convicções epistemológicas pautadas no paradigma interacionista.

Como coordenadora, uma de minhas primeiras ações foi a reformulação do Projeto do Curso e de sua estrutura curricular, organizando-a por eixos temáticos, tendo

o processo de aprendizagem como fio condutor e articulador. O projeto anterior consistia principalmente de disciplinas da área da educação, contrariando o princípio da interdisciplinaridade. Dessa forma busquei o diálogo com outras faculdades na proposição de disciplinas como: Fundamentos neurológicos da psicopedagogia (Faculdade de Medicina); Psicomotricidade na perspectiva psicopedagógica (Faculdade de Educação Física); Fundamentos psicológicos da psicopedagogia (Instituto de Psicologia); Aspectos fonológicos da aprendizagem da leitura e da escrita na perspectiva psicopedagógica (Profissional específico da área de fonoaudiologia). A interlocução com profissionais de outras áreas significou um salto qualitativo no curso.

Além das disciplinas de outras áreas, novas disciplinas foram implementadas: Estágio Supervisionado, Estudo de Caso Psicopedagógico, Psicolinguística, Educação Especial, Altas habilidades e Superdotação, Psicopedagogia Hospitalar. Sendo assim houve um aumento significativo da carga horária total do curso, que era próxima do mínimo exigido por lei (360h) e foi para 552h.

Participar da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) orientou-me na proposta de reformulação do projeto do curso, visto que a entidade promove importantes eventos científicos, dentre eles os encontros nacionais de coordenadores de cursos de psicopedagogia, buscando favorecer a constituição identitária do curso e de seus egressos.

A ABPp possibilitou-me também a construção de vínculos para além da dimensão acadêmica, nesse sentido não posso deixar de mencionar a profa. Dra. Neide de Aquino Noffs, um presente a mim concedido pela psicopedagogia. Lembro com imenso carinho, gratidão e saudades de nossas conversas acompanhadas de um café quentinho ou de um chope gelado, nos intervalos dos eventos científicos ou de bancas de qualificação e/ou defesa.guardo com esperança a oportunidade de estarmos fisicamente juntas e atualizarmos nossos diálogos psicopedagógicos.

No início do ano de 2020 havíamos publicado novo Edital para formação da XXIV Turma do Curso de Especialização em Psicopedagogia, porém o processo foi interrompido pela pandemia. Espero que esta grave crise sanitária seja brevemente finalizada para que tenhamos condições de retomar nossas vidas e também reofertar o curso, que tem demanda reprimida pela atual conjuntura. É importante ressaltar que o referido curso é um dos mais procurados na Faculdade de Educação e que apresenta o

menor percentual de evasão, reafirmando o interesse psicopedagógico da comunidade acadêmica. Mas afinal, o que há de especial na psicopedagogia? Para responder e finalizar recorro a um poema que trabalho com os alunos na graduação e na pós.

### O que é Psicopedagogia?<sup>6</sup>

Júlia Eugenia Gonçalves  
Psicopedagoga – Conselheira da ABPp

Você me pergunta:  
o que é psicopedagogia?  
Só posso lhe responder,  
que é uma arte, um ofício, uma paixão!  
Um saber que se constrói  
com muita informação.

Um fazer de cada dia,  
em trabalho de mudança,  
conquistando para a vida  
adulto, jovem e criança.

Para a psicopedagogia,  
cada ser é ensinante,  
e ao mesmo tempo aprendiz.  
dirigi-se ao conhecimento,  
de modo muito envolvente,  
e encontra-se a si mesmo  
em processo de autoria.

Se quiser de fato conhecê-la  
venha se apropriar, desvendar, estudar,...  
O caminho foi aberto  
quando decidiu perguntar.



E assim finalizo o relato acerca de minhas experiências na gestão, não usarei um ponto final, mas um ponto e vírgula porque minha história continua, está em processo e como tal é um vir a ser; ...

---

<sup>6</sup> A imagem ilustrativa não é proposta pela autora do poema. Trata-se da imagem utilizada pelo GEPPE (Grupo de Estudos e Pesquisa da Psicopedagogia Escolar), disponível em Fonte: <http://psicolucia.blogspot.com/2008/04/ajudando-alfabetizar-use-jogos.html>

## Considerações Finais

“os olhos com que revejo já não são os olhos com que vi.” Paulo Freire (2013)

Se iniciar o memorial não foi tarefa fácil, mais difícil foi finalizá-lo, pois entre o começar e o terminar existe a travessia. Neste percurso, parafraseando Paulo Freire na epígrafe acima, o olhar que revê torna-se saudoso e grato do olhar que viu.

Revisitar os fatos que constituíram e constituem minha história pessoal, acadêmica e profissional reafirmou meu sentimento de orgulho e gratidão pela trajetória que percorri. Meus relatos revelam uma pessoa de origem simples, com adjetivos que para muitos poderiam justificar impossibilidades de êxito na vida: pobre, filha de pais



separados, estudante de escola pública, mãe na adolescência, mulher separada e trabalhadora para garantir o sustento de seu filho, etc. Hoje exclamo com lágrimas nos olhos e com o coração feliz: como esta realidade me fortaleceu!!!

Certa vez li em algum lugar que o que não nos mata nos fortalece. Comigo foi assim. É certo que as adversidades podem matar nossa esperança e nos alienar de nossas possibilidades, porém podem nos instigar a luta. Minha opção foi lutar e vencer.

Atualmente continuo pobre, filha de pais separados, mãe, trabalhadora, pois ao mudar algo permanece, carregamos hoje a história que escrevemos ontem. Que alegria olhar para minha família, para os meus filhos adultos, para os meus netos, para meu companheiro, para meus alunos, orientandos, amigos; que alegria olhar para minha casa, meu quintal, meu cachorro; que alegria me olhar no espelho e repetir Cora Coralina (1997, p.145) “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou”; e ousar acrescentar: gratidão por aprender.

Aprendizagem é palavra chave em minha trajetória, seguida de gratidão, portanto aparecem de forma recorrente em meus relatos. Aprendi com Jean Piaget que desenvolvimento e aprendizagem são processos interrelacionados e ocasionados por sucessivas equilíbrazões/adaptações e desequilíbrazões, e que a cada conflito superado,



no sentido dialético do termo, dispomos de novas estruturas de pensamento, as quais nos oferecem novas possibilidades de ser e estar no mundo, de aprender. Nesse momento recordo Alicia Fernández, psicopedagoga argentina, ao afirmar que “o aprender, sem dúvida, nos conecta com a necessidade de ‘perder’ algo velho, mas a sua energia tem a ver, principalmente com a possibilidade de utilizar o velho para criar o novo” (FERNÁNDEZ, 2001: 182).

Transpondo esses princípios epistemológicos para vida, considero que aprender é um processo contínuo, em aberto, um ciclo que não se fecha, aprender é viver, enquanto nossa eternidade durar.

Escrevi este memorial em um momento atípico, de grandes incertezas e inseguranças, quando o mundo sofre os efeitos de uma pandemia sem precedentes e o Brasil amarga recordes de mortes, sendo um dos países mais atingidos por essa triste e grave crise sanitária. No dia 16/03/2021 a Fiocruz noticiou que estávamos vivendo o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil. Como agravante, suportamos uma gestão política incompetente que não coloca o direito a vida como prioridade, e como se não bastasse, promove constantes ataques a democracia e um desmonte da educação pública.

Na universidade sentimos os impactos devastadores da pandemia e tivemos que nos reorganizar para oferta do ensino remoto, uma realidade inédita e desafiadora aos docentes, discentes e técnicos, como relatei anteriormente. Como consequência houve uma sobrecarga de trabalho, que exauriu nossas forças, alegrias e criatividade.

Logicamente que o contexto interferiu em minha escrita, que muitas vezes foi interrompida pela necessidade de reuniões, horários de aulas, atendimentos a alunos e orientandos, bancas de qualificação, defesa, processos seletivos, demandas da coordenação de duas turmas do curso de pedagogia à distância, etc.

Interromper a escrita é também interromper o pensamento, o desejo e o entusiasmo de escrever. Retomar significa recomeçar, buscando resgatar o prazer que conduzia a atividade. Nesse movimento de idas e vindas finalizei meu memorial, cuja produção para além de responder a uma exigência para progressão na carreira docente, foi um exercício de reflexão e autoavaliação, por meio do qual pude me ver e gostar do que vi.

Aos meus cinquenta e quatro anos sinto-me realizada, mas com sentimento de que há muito por fazer, viver e aprender; pois ser professora é ser ensinante e eterna aprendiz do que ensina. Em sendo assim, quero ter a oportunidade de continuar a escrita deste memorial, não mais por exigência acadêmica, mas por afeto e intenção de registrar minha história, memória e identidade.

Finalizo solicitando desculpas aos meus leitores, em especial a banca de avaliação, pois o texto nem sempre atendeu aos vocábulos e discursos acadêmicos, mas busquei articular à estrutura textual meu modo pessoal de relatar, expressar, sentir; subjetivando as experiências que me constituíram.

### **Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem**

Cecília Meireles

Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem e que amanhã recomeçarei a aprender. Todos os dias desfaleço e desfaço-me em cinza efêmera: todos os dias reconstruo minhas edificações, em sonho eternas.

Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo.

E do alto avisto os que folgam e assaltam, donos de riso e pedras. Cada um de nós tem sua verdade, pela qual deve morrer.

De um lugar que não se alcança, e que é, no entanto, claro, minha verdade, sem troca, sem equivalência nem desengano permanece constante, obrigatória, livre: enquanto aprendo, desaprendo e torno a reaprender.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, 1993.



## REFERÊNCIAS


- ARRUDA FILHO, R.J.M. Trinta e cinco frases atribuídas a Freud. **Revista Biografia**. Disponível em <https://sociedadedospoetasamigos>. Acesso em 12/03/2021.
- ASSIS, Machado de. Volume de contos. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.
- CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**”. 6ª Ed. São Paulo: Global Editora, 1997.
- FERNÁNDEZ, Alicia, **Psicopedagogia em Psicodrama: morando no brincar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação**. 13ª Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006
- \_\_\_\_\_. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre a minha vida e minha prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Ed. Rocco, RJ, 1999.
- MIRANDA, Maria Irene. PESQUISA-AÇÃO ESCOLAR: uma alternativa de enfrentamento aos desafios educacionais. In: MIRANDA, Maria Irene; SILVA, Lázara Cristina da. **Pesquisa-Ação - uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia: EDUFU, 2012.p. 8 – 23.
- \_\_\_\_\_. **Psicopedagogia – trajetórias e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2016.
- MIRANDA, Maria Irene (org.). **A produção da pesquisa na psicopedagogia**. Curitiba: CRV, 2019.
- MIRANDA, Maria Irene; SILVA, Lázara Cristina da. **Estágio Supervisionado e Prática de Ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2008.
- PAÍN, Sara. **En sentido figurado: fundamentos teóricos de la Arteterapia**. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- SANTOS, Milton. Sistemas de objetos, sistemas de ação. In: SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3 ed. São Paulo: Hucitec. 1997. p. 89-96.

## Anexos

### Quadro Síntese de Produção Acadêmica

<b>Produção</b>	<b>Quantitativo</b>	<b>Período</b>
Livros – autorais e organização	6	2003 – 2019
Capítulos de Livros	14	2003 – 2019
Artigos publicados	16	2003 – 2020
Trabalho em Anais de eventos científicos	72	1998 – 2019
Orientações concluídas – Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso, Mestrado	45	2000 – 2020
Orientações em curso	4	2018 – 2021
Participação em Bancas – Trabalho de Conclusão de Curso, Mestrado, Doutorado	81	2000 – 2021

## Perspectivas, intenções, esperanças....

	Lançar o livro: <b>QUANDO EM CASA DE FERREIRO O ESPETO É DE FERRO</b> : convivendo e trabalhando com o TDAH
Fazer o pós-doutorado desenvolvendo projeto de intervenção psicopedagógica.	
Iniciar as atividades do PIAPSI (Programa Institucional de Acompanhamento Psicopedagógico).	
Reofertar o Curso de Especialização em Psicopedagogia.	
Abrir vagas para orientação no Doutorado.	
Carregando.....	